

O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo

Germano Almeida
O Testamento
do Sr. Napumoceno
da Silva Araújo

Romance

I

A leitura do testamento cerrado do Sr. Napumoceno da Silva Araújo consumiu uma tarde inteira. Ao chegar à 150.^a página o notário confessava-se já cansado e interrompeu mesmo para pedir que lhe levassem um copo d'água. E enquanto bebia pequenos golinhos, desabafou que de facto o falecido, pensando que fazia um testamento, escrevera antes um livro de memórias. Então o Sr. Américo Fonseca, dizendo estar habituado a longas leituras em voz alta, ofereceu-se para continuar a ler e o notário aceitou de bom grado porque a sua voz, de princípio forte e sonora a impor solenidade ao acto, fora enfraquecendo a pouco e pouco e tanto Carlos Araújo como as próprias testemunhas já faziam um grande esforço de ouvido para perceberem os murmúrios que lhe saíam da garganta. Mas Carlos sorrindo olhava o notário. Logo de início, quando vira a enormidade do documento lacrado, sugerira não valer a pena perder tempo a ler todo aquele calhamaço, afinal estava-se quase em família, de qualquer modo entre gente que merecia toda a confiança, propunha por isso dar-se o testamento como conhecido, ele em casa faria calmamente uma leitura atenta e cuidada até porque era sua intenção respeitar escrupulosamente todas as vontades do defunto. Porém, o notário opusera-se firmemente a esta facilidade, a lei

é a lei, existe para ser cumprida e se ela manda ler tudo há que ler tudo do princípio ao fim na presença de testemunhas e só por esta razão estavam presentes os Srs. Américo Fonseca e Armando Lima que a final testificariam com as suas assinaturas terem acompanhado toda a leitura do documento. E aclarando a garganta iniciara a leitura às 14.45 mas pelas 16.10 confessava-se cansado e já estava sem voz. O Sr. Fonseca leu até às 17.20, após o que o Sr. Lima, sorrindo com humildade, pediu que lhe deixassem também ler um bocadinho. Coube-lhe por isso ler a parte manuscrita, mas numa letra tão miudinha que ele se engasgou por diversas vezes com as palavras e teve de voltar atrás e assim só cerca das 18.30 foi possível aos intervenientes aporem as respectivas rubricas em cada lauda do aludido testamento e ao notário ordenar o seu arquivamento no maço dos documentos competentes. E após isso feito, todos os presentes apertaram a mão que contrafeito Carlos lhes estendia e apresentaram-lhe as suas mais sentidas condolências. Carlos fez das tripas coração e inventou forças para um sorriso e um porra para toda esta merda!, e agradecendo a todos pela maçada disse que dadas as circunstâncias teria que ser a tal Maria da Graça a pagar as despesas e achava bem que as testemunhas não ficassem sem receber a tarde perdida. Mas enquanto vestia o casaco deixou-se ir abaixo um momento e não conseguiu engolir um que se foda no inferno o velho danado!, que o Sr. Fonseca repreendeu com gravidade, mostrando-lhe, com um tímido sorriso, que aquelas palavras e modos desabridos não se coadunavam nem com o homem que ele era e que todos conheciam, nem com o luto carregado que ele trazia. De qualquer modo o falecido não se esquecera do sobrinho, sempre lhe deixava qualquer coisa, no fim das contas um óptimo lugar para o repouso na velhice. Por isso não lhe ficava bem ultrapassar o respeito devido a um

tio defunto de quem de todas as formas sempre era herdeiro. Mas Carlos quase que o deixou com as palavras na boca, parecia agora mais pálido pela repreensão e dizendo que já perdera tempo de mais para o que ganhara acenou-lhes um até depois e correu para casa, merda para o luto, vestiu-se à civil.